
HISTÓRIA PENSADA E CONTADA: RECORDAÇÕES PRESENTES

Maria Lúcia Aguiar Teixeira¹
marialuciaaguiar@ig.com.br

1 HISTÓRIA PENSADA E CONTADA: recordações presentes

As lembranças dos sujeitos são importantes para reconstituição do passado e investigação do objeto de estudo, uma vez que a memória não fixa apenas os fatos, mas também as maneiras de ser e pensar, possibilitando ao investigador conhecer fatos do passado, através de testemunhas do período investigado.

Tendo em vista as transformações pelas quais perpassa a sociedade brasileira, resultante de problemas políticos, sociais e econômicos, acreditamos que através da pesquisa utilizando como fonte a história oral, essas transformações podem ser facilmente percebidas, principalmente no contexto de sala de aula.

A história oral tem como principal fonte de informação a memória, entre outras coisas, ela é sempre uma interpretação influenciada pela experiência do presente que acontece através de associação com fatos vivenciados. Partindo desse princípio, apresentamos como tema nesse trabalho História pensada e contada: recordações presentes, em que procuramos dialogar acerca de alguns conceitos de História, bem como sua relação com a memória, apresentando a visão e as vantagens descritas por alguns historiadores.

O trabalho do historiador torna-se uma representação do passado e, além disso, uma seleção do que consideramos importante, a memória construída, reconstruída, reelaborada e ressignificada do passado dando-lhe novos sentidos.

Segundo Garrido, as fontes orais, como quaisquer outras fontes, também requerem uma aproximação crítica, e para tanto o trabalho do pesquisador deve estar norteado por "[..] dois procedimentos de caráter interativo: um com a documentação escrita

¹ Doutoranda em História pela Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS, professora Assistente II da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Centro de Estudos Superiores de Caxias – CESC.

existente, e o outro, com o resto do corpus dos documentos orais". (GARRIDO, 1993: p.38)

Entende-se que o resgate das histórias e memórias dos sujeitos contribuirão como fundamentação teórica que subsidiará outros estudos voltados para esta temática. Para Nunes (2003, p 13), a memória possui um caráter compósito e flexível, ressaltando ainda que

As memórias não são objetos. São experiências vividas interiormente, o que [também] as distingue do conhecimento. Se o conhecimento só nos pertence de forma contingente, as memórias são indissoluvelmente nossas, fazem parte de nós e nos constituem. Estamos no centro delas e só quando elas fazem conscientemente parte de nós podemos partilhá-las com outros. A recordação, portanto, não se separa da consciência, mantendo com ela uma via de mão dupla. (NUNES 2003: p.13)

A memória, por si mesma, não tem o objetivo de preservar o passado, mas sim de enriquecer e vivenciar o presente com as experiências adquiridas historicamente, fornecendo subsídios para sua compreensão.

Memorial, como o próprio nome declara, é a prática de contar as próprias memórias, caracterizado por uma escrita reflexiva. É um exercício de escrever, narrando as experiências de um tempo passado, dos fatos que já ocorreram, para fazer suscitar na mente, além das recordações/lembranças, também informações que certamente constituirão novos sentidos ao presente.

Qualquer pessoa pode fazer uso do memorial para narrar sua história de vida, visão de mundo, concepções, crenças e valores, bem como a história de uma coletividade. Conforme Bosi (2003), é por meio da memória que o passado surge nas lembranças, vão mesclando com as percepções do presente, ou vice-versa, as impressões do presente interagem com o passado e vão fixando na consciência. Segundo a autora, não existe presente sem passado, as ações, os eventos, os comportamentos que vivenciamos são marcados na memória.

2 MEMÓRIAS & RECORDAÇÕES

Os memoriais e narrativas de histórias de vida têm sido utilizados pelos pesquisadores e estudiosos da formação de professores, como fonte importante para o conhecimento de suas trajetórias, uma vez que possibilitam a escuta desses profissionais no sentido de suas expectativas, dilemas e episódios marcantes dessa trajetória em construção.

Bosi (1993), destaca a importância do memorial e sua relação com as instituições sociais quando afirma que [...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

Ao fazer da rememoração uma prática de pesquisa, procuraremos articular memória e conhecimento, resgatando saberes que a memória social popular registra. Na pesquisa, o estudo através da história oral, deverá estar articulado a um projeto de investigar a formação docente a partir do trabalho com a memória.

Dessa forma, entendemos o movimento da pesquisa como um processo de educação patrimonial que, articulando ensino-pesquisa-extensão, procura instaurar, acompanhar e analisar práticas de formação que projetem a escola como lócus de preservação e socialização de marcas culturais, afirmando o espaço da formação como lugar privilegiado de recriação de saberes em que educação e religião se apresentam de forma inter-relacionada no âmbito cultural.

Uma investigação de caráter histórico da memória permitirá a lembrança de momentos vividos no passado, tanto na memória individual quanto coletiva, como bem defende Jacques Le Goff (1996), que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. Assim, as lembranças são mantidas nos diversos grupos de convívio tanto nos espaços sociais como no espaço do trabalho, do lazer e dos demais ambientes ancorados na vivência e nas experiências históricas. De acordo com Pollak, a memória passa por mudanças:

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. (POLLAK, 1992: p.4)

A memória é uma ação do presente e que lida com o passado como matéria-prima, um tempo passado que será, constantemente, reconstruído, a partir de uma experiência sensorial e afetiva. Portanto, o tempo da memória é o presente. Ela está presente nos nossos antepassados, nas relíquias. São todos fragmentos de uma época, que refletem uma escrita da memória e que pertencem a um tempo que já passou. Le Goff nos

lembra que os gregos antigos fizeram da Memória uma deusa (Mnemosine), mãe de nove musas inspiradoras das chamadas artes liberais, entre elas a história (Clio), a dança (Terpsícore), a astronomia (Urânia) e a eloquência (Calíope). A memória é sempre uma construção feita no presente, a partir de experiências do passado, imbuídas de influências do grupo o qual pertencemos.

O passado não fala por si, mas através do que se conhece dele e o que se conhece é o que é transmitido como conhecimento de acordo com a representação do grupo que nomeou aquele conhecimento. A função do historiador, atualmente, é raciocinar sobre os fatos. Sobre isso, Garrido afirma que é

[...] necessário implementar, colocar em prática, um método particular que permita obter o máximo de informação, o mais confiável possível". Trabalhar com fontes orais "[...] não pode significar a gravação de uma série de testemunhos, rapidamente, e depois, usá-los como citações". (GARRIDO, 1993:p.37).

Nesse caso, a temporalidade a ser considerada pelo historiador no trabalho ganha um novo significado, pois o presente não é apenas o tempo da lembrança, dotando-a de um sentido, é também o tempo a ser alterado. O ato de lembrar é um processo de fazer-se aparecer em cena, ou mesmo fazer-se agir em cena. Quando, por exemplo, narramos uma história nos identificamos com o que pensamos que éramos no passado, o que somos no presente e o que gostaríamos de ser no futuro.

Podemos entender desse modo, que o espaço da memória é povoado por inúmeras temporalidades. Para se falar de memória, necessário se faz destacar o papel que ela tem na constituição de uma identidade. São as relações entre cultura, história e memória que vinculam a relação de um indivíduo com a coletividade.

Jacques Le Goff, (1996) afirma que a história é uma forma poderosa de memória e que pode servir ao poder. Para o autor, a memória não se opõe ao esquecimento, este faz parte da memória que é reinventada. Nesse sentido, a memória e o esquecimento tornam-se de uma certa forma uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

A memória tem grande importância para a história, pois é fundamental para o trabalho dos historiadores, e estes com uso de metodologias apropriadas transformam as memórias em fontes de construção de conhecimento científico. Acerca disso, Peter Burke

(2000) diz que “a memória tanto é fonte histórica, através da qual o historiador analisa a confiabilidade do que é lembrado, quanto desperta o seu interesse como fenômeno histórico”. Conforme Peter Burke foi só a partir dos anos sessenta, que alguns historiadores contemporâneos passaram a entender a importância da história oral, passando a se interessar pela memória, como fonte e fenômeno para a história. Barke (2000, p.72), ainda, afirma que mesmo os que trabalham com períodos anteriores têm alguma coisa a aprender com o movimento da história oral, pois precisam estar conscientes dos testemunhos e tradições embutidos em muitos registros históricos.

As memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e perpetuam lugares com referências e paisagem para um constante retorno ao passado, trazendo em si os mais diversos sentimentos documentados e expressados em narrativas, sonhos e percepções. Os lugares de memória de acordo com Nora (1993), “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea nas sociedades atuais, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, porque estas operações não são naturais”, pois a aceleração do tempo nos faz esquecer ou desconsiderar o passado.

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, 1993: p.21-22)

Para Pierre Nora, os lugares de memória são, primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se anora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Reafirmando esse pensamento (Thompson,1992) destaca:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a serem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extraí a história de dentro da comunidade. (THOMPSON,1992:p.44)

Para tanto, analisar as relações entre história e memória no contexto de uma historiografia atual é, sobretudo, pensar memórias e histórias nas suas dimensões políticas e afetivas. A memória, tendo relação direta com o passado, manifesta-se, também, a partir do presente, que ativa aquele passado ou o reconstrói a partir das suas necessidades e indagações.

Lembrar o passado é um elemento essencial na conformação da identidade, individual ou coletiva. A necessidade de lembrar é, talvez, a principal atribuição da memória. Sem memória não existiriam referências ou experiências, “memória é um processo permanente de construção e reconstrução” (BOSI, 1993, p.7). A memória individual que interage com a de outros indivíduos, vincula-se à memória do grupo, formando parte dessa memória coletiva. Ela tem a capacidade de selecionar, organizar e sistematizar lembranças daquilo que já foi vivenciado. Acerca disso, Harres em sua análise destaca,

Só podemos encontrar apoio externo, isto é, no relato dos outros, se guardamos alguma coisa das experiências compartilhadas. Ou seja, além da convivência com o grupo, é necessário que sejam compartilhadas as recordações, que estas se relacionem e se complementem. (HARRES 2006: p.129)

Manter viva na memória das pessoas, as recordações de sua vida individual são essenciais para a construção da memória coletiva e a preservação da história através das memórias.

As pesquisas, estudos e discussões em torno de histórias e memórias são temáticas constantemente discutidas no cenário educacional brasileiro. A palavra memória, de origem latina, deriva de menor e oris, e significa “o que lembra”, ligando-se, assim, ao passado, portanto, ao já vivido (GIRON, 2000: 23). Trata-se, em realidade, de uma reconstrução que cada um realiza dependendo da sua história, do momento e do lugar em que se encontra. Individualmente, a memória é a capacidade de um conjunto de funções psíquicas que possibilitam conservar certas informações, “graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1996, 423).

Os memoriais e narrativas de histórias de vida têm sido utilizados pelos pesquisadores e estudiosos da formação de professores como fonte importante para o conhecimento de suas trajetórias, uma vez que possibilitam a escuta desses profissionais,

no sentido de suas expectativas, dilemas e episódios marcantes dessa trajetória em construção.

Os memoriais dos cursos de formação de professoras constituem momento importante nessa trajetória, tendo em vista que colabora para a construção da identidade profissional e pessoal. Estimular as professoras a contar a própria história nos possibilitará construir um outro ethos, um outro olhar na formação dessas professoras, objeto da pesquisa. Olhar que contribuirá para um maior conhecimento e desnaturalização dos processos histórico sociais.

Retomar as relações entre história e memória no contexto de uma historiografia atual é também a oportunidade de pensar memórias e histórias nas suas dimensões políticas e afetivas, procedendo a uma descrição da abordagem de investigação desenvolvida do contexto escolar, das interlocutoras e do processo de produção e análise de dados. As discussões que serão expressas, nesse espaço da investigação, definirão um percurso metodológico atento às vozes dos sujeitos da pesquisa, os quais se desvelarão, caminhando para si, na busca de interpretação das nuances subjetivas determinantes de seus processos de formação docente.

Ademais, tem-se a intenção de discutir as concepções teóricas que orientam a pesquisa, dialogando com autores que focalizam o objeto da investigação. Nesse entorno, procuramos articular a prática pedagógica às dimensões da história narrada. As considerações que fundamentarão essa discussão concebem a narrativa como uma prática de desenvolvimento emancipatório e autônomo.

No memorial de formação, pensar e repensar sobre a utilização de memoriais enquanto instrumento de pesquisa sobre a vida dos professores é tarefa de todos os grupos de pesquisa preocupados com as questões práticas, relativas aos estudos sobre a pessoa do professor, as práticas docentes e a profissão de professor e que veem na pesquisa narrativa um instrumento fecundo e um dos aportes teóricos – metodológicos.

Segundo Alessandro Portelli (1997), as fontes orais revelam as intenções se tornando concretas quando verbalizadas.

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas - assim são como impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes- exatamente iguais. (PORTELLI 1997: p.16)

Assim, a escrita dos memoriais constitui-se como uma oportunidade de entrar em contato com algo que havia sido esquecido, de conhecer a força real de suas histórias de narrar suas memórias.

O que permite usar as memórias como fonte é a possibilidade de poder articulá-las. A capacidade que temos de comunicar e articular por palavras as memórias do que vivemos, tornam-nas aos nossos olhos mais objetivos do que as memórias do que sentimos e experimentamos ao vivermos. Corroborando com Jacques Le Goff, o qual enfatiza que a memória é um fenômeno individual e psicológico, que está ligado à vida de uma sociedade.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Aspectos do estudo da memória, nos campos da psicologia e psiquiatria, podem evocar, de forma metafórica ou de forma concreta, traços e problemas da memória histórica e da memória social (LE GOFF, 1994: p. 423).

Assim, reavivamos nos sujeitos da pesquisa sua história de vida profissional, para resgatar a história de formação, relembrando como os saberes de sua formação docente foram adquiridos e articulados ao ser e ao fazer. Dessa forma, os sujeitos não serão contadores de história e sim reconstrutores da sua história.

Essa forma de utilizar a metodologia de História de Vida, tem grande importância para o historiador considerando a memória como instância produtora de significados e de representações e não como local onde as experiências individuais, sociais e históricas estão armazenadas.

3 CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS

A intenção do trabalho foi discutir algumas questões vinculadas aos usos da memória, a partir da experiência histórica dos sujeitos, partindo do princípio que a história cresce com a memória e que a memória necessita da intervenção metodológica dos historiadores para revelar o real mais próximo da verdade coletiva a ser alcançada dos acontecimentos do passado.

Se entendermos que a história oral, atualmente, além de fonte é também uma metodologia que compreende um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoentes, Entendemos, também, que a história oral é oportunidade de

trabalhar o conhecimento em relação à história e memória, considerando e respeitando a trajetória tanto individual como coletiva. A apreensão da memória depende, também, do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos que falam, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo “Como defende Le Goff (1994),” que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. Nessa interatividade, esperamos que as vozes dos sujeitos sejam contempladas na construção do conhecimento, através da história oral. Mesmo que a fonte oral não se constitui um dado de precisão como afirma Portelli, mas contribui de forma significativa por conter informações que nem sempre são encontradas nos documentos impressos.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa (Org.) **As faces da memória**. São Paulo: Centro de Memória da UNICAMP, 1993. (Coleção Seminários, v. 2).
- BURKE, Peter. **“História como memória social”** In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- GARRIDO, Joan dei Alcàzar. **As fontes Orais na Pesquisa Histórica: uma contribuição ao debate**. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Vol. 13, n. 25/26, Ago. 1993.
- GIRON, Loraine Slomp. **Da memória nasce a História**. IN: LENSKIJ, T. & HELFER, N.E. (Org.) **A memória e o ensino de História**. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1994. LE GOFF, Jacques. “Memória”. IN: **Memória/ História**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986 (Enciclopédia Einaudi – volume. 1)
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Khoury. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NUNES, Clarice. **A reconstrução da memória: um ensaio sobre as condições sociais da produção do educador**”. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, (61): 72-80, maio de 2003.
- POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n° 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** In: Projeto História. São Paulo (15) abr. 1997.

THOMPSON, Paul. 1992. **A Voz do Passado: história oral.** Rio de Janeiro. Paz e Terra.